

MULHERIO

ASSINATURA ABR/88 - 600,00

ANO VIII - Nº 39 - ABR./MAI. 1988 - SÃO PAULO - BRASIL - Cz\$ 100,00

Negros: a Igreja pede perdão, mas não confessa os pecados...

pgs 5 a 8

Um novo mercado: cresce a
exportação de brasileiras

Pg 9

Arte do século XIX desfaz
mito da sinhazinha

Pgs 10 e 11





Roberto Emilio Neirame

Por que você não reage?

As águas de março fecharam um verão de tragédias. Petrópolis, Rio de Janeiro, Cubatã, Ubatuba, Vila Anchieta, Rio-Santos, Acre. A natureza se vingou em desastres mais que previstos pela ocupação indiscriminada do solo, o desmatamento cego, a poluição, a omissão administrativa. Levaram também nossa desesperada necessidade de votar neste ano para presidente, e talvez até — será possível? — para prefeito, com manobras de informação e contra-informação de um golpe militar que já nem precisa mais ser dado. Basta ser anunciado.

Por que você não reage? A pergunta foi estampada em manchete na Gazeta de Pinheiros, jornal de bairro de São Paulo que a mantém, enorme, na fachada de sua redação. Uma pergunta para cada um buscar sua resposta.

As manifestações do 8 de março este ano foram uma comovente, porque alegre e bela, reação à miséria física e espiritual que corrói o País. As mulheres mostraram que estão atentas, fortes e até bem organizadas, também nas reações à exigência de comprovação de laqueadura para ter acesso ao emprego e às demissões de mulheres, entre elas grávidas — o primeiro ato de retaliação dos empregadores à licença de 120 dias à gestante.

O País agoniza, é preciso desglamurizar a indiferença. Combater o conformismo e o totalitarismo, esses grandes inimigos, conforme testemunhou a vida do poeta da psicanálise Hélio Pellegrina. Como alimento, olhar o céu azul-prateado de abril propiciando sonhos, as comunicações telepáticas. E comemorar dia 16, com gente de todo o mundo, a primeira lua nova do ano novo astrológico.

As Editoras

P.S. Esta edição circula com 20 páginas e uma nova capa. Estas pequenas alterações devem-se ao início de um processo de redefinição editorial que pretende dar a Mulherio uma atuação mais incisiva no espaço (ou na lacuna) cultural do país. Excepcionalmente, é uma edição bimestral.

Comentários

O motivo desta carta é uma crítica a alguns pontos do artigo do sr. Sader e alguns comentários. Creio que quando se escreveu um artigo deve-se tomar certos cuidados e, lendo o dele, fico com a certeza de que sua área de competência é só a política.

Como sabe ele da existência de clubes de masturbação entre os gays? Onde ele leu que "os verdes alemães chegam a caracterizar o Aids como uma vingança da natureza"? É mais provável que os verdes alemães compartilhem a ideia de que o Aids foi mesmo criado em laboratório.

Ele coloca ainda que "... as mulheres serão as principais vítimas por constituírem ainda o elo mais frágil da cadeia". Não podemos ser as principais vítimas, pois não podemos ser mais vítimas do que já somos e, mesmo assim, não constituímos o elo mais frágil da cadeia. O problema é que muitas mulheres ainda acreditam nesses rótulos patriarcais, acentuados pela escola, trabalho e meios de comunicação.

Vamos aos comentários: fica feliz que a Rita Moreira tenha ido direto ao assunto no seu artigo sobre o Aids criada em laboratório. Adorei "A ordem patriarcal é inabalável", da Anésia Pacheco e Chaves. Pena que uma Sandra Feldens (tão jovem e que pincela um ar pseudo-progressista) não enxergue o que está ao seu redor. Ela não vê que só os homens participam de tudo? Qual é a participação das mulheres nos postos de decisão?

Mara Rúbia de Andrade
Alemanha Ocidental

Mulher de fibra

Tenho 15 anos e participo do Movimento Estudantil de Nova Iguaçu (RJ), a UIES, e

me interesse muito pela questão da mulher.

Aqui não temos grandes fontes de conhecimento sobre o assunto, nem mesmo um Movimento de Mulheres digno, embora eu esteja bastante interessada em fundar um daqui a algum tempo. Tive a oportunidade de topar com o jornal **Mulherio**, de um amigo meu. Adorei e gostaria de assiná-lo. Parabéns-os pelo trabalho maravilhoso que vocês realizam. Um beijo.

Luciana Costa
Nova Iguaçu (RJ)

Obrigada pelos cumprimentos, Luciana. Sempre que você tiver informações sobre a mobilização das mulheres aí em Nova Iguaçu, escreva-nos. Aguardamos o convite para a fundação do Movimento de Mulheres. Boa sorte!

Campanha descarada



É justo identificar a Aids com a cara de uma mulher? **Mulherio** não vai protestar contra essa campanha inflame?

Luiz Aurélio de Jesus Salles
Barretos (SP)

Gil

Há muito tempo sou assinante e admiradora do jornal de vocês e tenho feilo propaganda do mesmo, nos nossos meios feministas. Adorei a matéria sobre e com Gilberto Gil. Parabéns. Quero pedir a vocês que publiquem uma notícia sobre a inauguração da Praça Anayde Beiriz. É mais um bonito capítulo da vida das mulheres que ficaram durante anos e anos fora da História em nosso País. De vez em

quando, se procura fazer justiça, como é o caso de Anayde.

Moema Toscano
Centro da Mulher
Brasileira-RJ

Já anatamos a sua sugestão, Moema. A Anayde realmente merece uma praça e uma matéria.

Piás

Conheço o jornal **Mulherio** já há bastante tempo, embora seja assinante por volta de um ano.

De uma certa maneira, o jornal vem conseguindo quebrar a dicotomia entre as chamadas "questões específicas" e as "questões gerais", ainda hoje um nó por desfazer nas várias posições de esquerda no Brasil. No meu entender, as coisas caminham juntas, mas com momentos onde se privilegia uma ou outra.

Dentro desse raciocínio, gostaria de propor um tema que ainda não vi tratado de modo mais profundo nas publicações feministas a que tenho acesso: a relação adulto/criança.

Lidar com os "piás" (como se diz por aqui) parece ser uma grande incógnita para a esquerda. As contradições entre nossa formação e a que desejamos para nossos filhos estão sempre presentes, permeando atitudes que vão do estalinismo ("não pode ver novela da Globo") ao **laissez-faire**.

O que é uma relação revolucionária com a criança? Como ela se dá? Que contribuições têm os teóricos da educação formal para dar? E os sociólogos, antropólogos, para não ficar sempre com psicólogos e psicanalistas?

Lúcia Barcelos
Canoas - RS

MULHERIO

Conselho Editorial: Albertina de Oliveira Costa (Fundação Carlos Chagas, SP); Bela Kaminer (Blanco Alencastro, SP); Sueli de Souza (Mozart, RJ); Anísio de Jesus (USP); Emy Sader (USP); Flávia Augusta (Pensamento, SP); Fátima Rossetti (Fundação Carlos Chagas, SP); Heloisa Blumstein de Assunção (UFPA, Belém); Linda University, USA; Lucia Cadeiro (Banco Itaú, SP).

Maria Helena de Barros Magalhães (Mozart, RJ); Mariana de Faria Rocha (Cesumar, Curitiba, PR); Maria de Sá (USP); Marlene Meyer (Unicamp, SP); Maria Zilene (Unicamp, SP); Editora responsável: Inez Castanho (Mozart, RJ); Editora Executiva: Sônia Maria (Mozart, RJ); Repórteres/Redatoras: Luísa Maria (Mozart, RJ); Magister; Secretária de Redação: Tânia Cristina (Mozart, RJ); Diagramação: Roberto (Mozart, RJ); Colaborou nesta edição: Duda Machado; Administração e Finanças: Mônica Boudavé; Assistentes: Maria Tereza de Lencastre; Distribuição e Divulgação: Maria Rosa (Cesumo); Assinaturas e Expedição:

Henrieta Maria Moreira
Os artigos assinados não refletem necessariamente a opinião do jornal. Reprodução total ou parcial de matérias, desde que citada a fonte. **Mulherio** é publicado pelo Núcleo de Comunicações Mulherio, associação sem fins lucrativos, com sede na Fundação Ford do Brasil, RJ. Redação e administração: Rua Cunha Gago, 704, Princesa, 05400, São Paulo, SP, Brasil. Telefone (011) 210-9632. Fotocomposição: Basearte S.A. Gráfica e Editora, Rua Marquês, 26, V. Cearense, Tel. 572-0022, São Paulo. Tiragem desta edição: 12 mil exemplares.

Yanomaniis

O governo e a Polícia Federal iniciaram no final de março a retirada dos garimpeiros que haviam invadido o Parque Nacional Yanomani, no Território de Roraima. E proibiu os vãos de passageiros e transporte de alimentos para o local. Segundo D. Aldo Mongiano, bispo da Diocese de Roraima, o número de garimpeiros na região varia entre sete e quinze mil. Parte deles seria proveniente de Serra Pelada, segundo informações obtidas pela Agência Ecuemênica de Notícias (AGEN).

A medida acabou gerando bastante descontentamento entre os comerciantes de Boa Vista, capital do Território, que culpam a Igreja pela expulsão e pensam em ir a Brasília discutir o problema na Funai, outro de seus "calos". D. Aldo diz que não houve qualquer interferência da Igreja, porém ressalta que sempre foi sua intenção a preservação dos Índios Yanomaniis. "A Funai interveio porque essa é a função dela" — enfatiza.

O clima em Boa Vista é de muita tensão porque a atitude do governo e da PF não tem sido suficiente para acalmar os ânimos dos comerciantes que investiram em maquinários para mineração e ainda não obtiveram lucros.

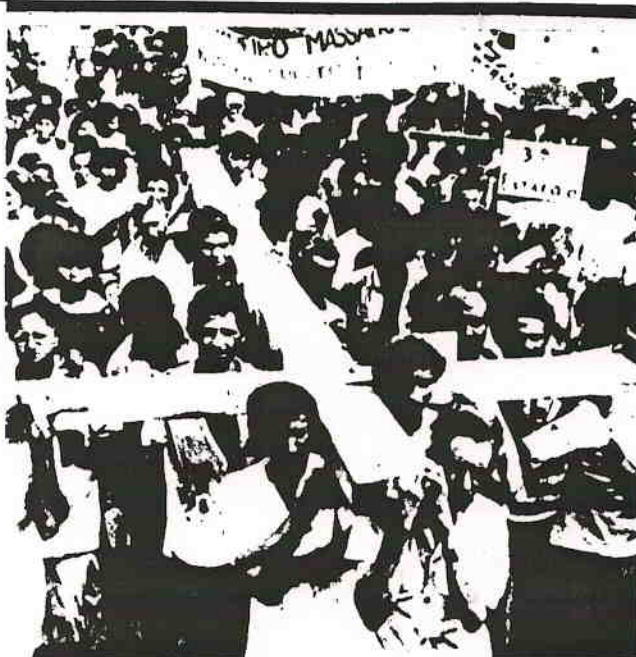
O ABC da ecologia

Cacilda Lanuza, integrante do grupo ambientalista *Seiva*, não se conforma com o espaço cedido pela *Folha de São Paulo*, no último dia 30 de março, ao presidente da Associação Brasileira de Caça (ABC), Cláudio Antônio Noschese, que escreveu um longo artigo sobre o interesse dessa entidade em "administrar os recursos naturais" e fortalecer o ambientalismo, entre outros objetivos. Segundo Cacilda Lanuza, a ABC mantém contato com sete ou oito indústrias de armas e com a Companhia Nacional de Cartuchos, de componentes bélicos. "Esta associação tem se empenhado em promover a caça em Mato Grosso, incluindo o Pantanal Matogrossense" — denuncia ela. "Seu presidente se diz ambientalista. Como pode ser tão contraditório?"

Cacilda diz que o grupo *Seiva* já está preparando um manifesto contrário à manutenção dessa entidade. "Como pode existir uma associação de caça em um país onde a caça é proibida por lei?" — questiona a ecologista.

Aids e as mulheres

O aumento dos casos de mulheres com Aids vem preocupando a Secretaria de Saúde de São Paulo, o Estado onde se registra o maior número de aidséticos no País. Em 1985, havia 45 homens contaminados para cada mulher. No ano passado, a proporção era de doze para um e nos primeiros meses deste ano já caiu pela metade, ou seja, seis para um. As mulheres passaram a ser mais atingidas na medida em que se registra maior incidência da doença en-



Via Crucis

A situação esquentou novamente em Marabá (PA) por ocasião da Sexta-Feira Santa, dia 1 de abril, quando mais de cinco mil pessoas fecharam a ponte sobre o rio Tocantins, ligação entre Belém e Conceição do Araguaia. Para lembrar os 3 mortos oficiais e 73 desaparecidos no massacre ocorrido no dia 29 de dezembro, a população percorreu seis quilômetros em procissão até a ponte para ali fincar uma cruz de mais de 200 quilos. Segundo o presidente do Sindicato dos Garimpeiros de Marabá, Fernando Marcolino Guimarães, a manifestação foi organizada "para deixar

acesa a chama e manter viva a lembrança de que precisamos encontrar os desaparecidos, porque sabemos que há mais mortos".

E como a apuração dos fatos e a prisão dos responsáveis não são sequer cogitados pelos governos estadual e federal, os Policiais Militares continuam mantendo sua arrogância e quase desencadearam outra tragédia ao cercarem novamente a ponte, armados de fuzis e metralhadoras. O tenente Gonçalves, à frente do pelotão da PM, chamou um dos padres de "cafajeste" pediu-lhe para retirar "esses bichos daqui".

Será que no tempo da escravidão era pior?

trig bissexuais e homens de vida sexual promíscua. No momento, o sexo feminino perfaz apenas 6,08% do total de aidséticos do País. Mesmo assim, o Ministério da Saúde insiste em colocar um rosto de mulher nos cartazes da Campanha de esclarecimento sobre a Aids, sob os dizeres: "Quem vê cara não vê Aids". Por enquanto, não vê mesmo.

Ascensão e Queda

Se a prostituição floresce na medida do mercado, a Aids vem marcar seu declínio. Na Alemanha, onde o comércio sexual chegou ao auge nos anos 70, depois da revolução sexual, o medo ataca — e afasta — prostitutas e clientes, reduzindo sensivelmente os rendimentos da profissão.

O governo sentiu que era hora de agir e passou a apoiar as mulheres que desejassem mudar de atividade. Em várias cidades alemãs existe hoje ajuda oficial para a busca de emprego e mesmo apoio financeiro para uma fase de transição. Em Berlim Ocidental, as au-

toridades colaboram com a *Hydra*, organização de prostitutas que, ao mesmo tempo em que reivindica o reconhecimento da profissão, orienta e ajuda as mulheres que querem abandoná-la. Um interessante "sindicato", que trabalha para o desaparecimento da atividade enquanto luta para legitimá-la.

Prostituição infantil

Enquanto isso, na América Latina, reportagem publicada pela revista chilena *Analisis* revela que há doze ou treze anos o Chile começou a constatar um novo problema: a prostituição infantil. Segundo psicólogos entrevistados pela revista, a prostituição de meninas com menos de doze anos sempre existiu enquanto fato isolado, mas agora caracteriza-se como um fenômeno social que teve seu auge em 1982 e 1983, anos de crise do modelo econômico do regime militar. Para *Analisis*, o empobrecimento galopante e a insegurança se transformam em algo cotidiano e não é mera coincidência que nestas cir-

constâncias tenham aumentado os casos de drogados, alcoólatras e de crianças prostituídas.

Dois pesos, duas medidas

As declarações dos pesquisadores norte-americanos Masters e Johnson sobre a possibilidade de se contrair Aids em assentos de banheiros, por picadas de mosquitos ou beijos na boca foram taxadas de irresponsáveis pelo médico Jonathan Mann, diretor do Programa Anti-Aids da Organização Mundial de Saúde (OMS). Infectologistas e imunologistas dizem que não existem pesquisas comprovando essa forma de contágio. Por enquanto, tudo não passa de especulação, dizem os especialistas.

Acontece que os meios de comunicação não têm os mesmos pudores de cientistas quando se trata de divulgar qualquer assunto referente à Aids. Tanto que no pequeno município de Monte Alegre, no Rio Grande do Norte, a população se revoltou contra a presença de um aidsético na cidade porque viram na televisão reportagens sobre o possível contágio por picadas de mosquitos. Os moradores entraram em pânico.

Já a Febem de São Paulo está dando um exemplo à sociedade ao não discriminar as crianças aidséticas. São 290 menores, ou seja, 5% dos 5.800 assistidos pela entidade no Estado. Segundo matéria publicada pela *Gazeta de Pinheiros*, de São Paulo, crianças infectadas continuam mantendo suas atividades normais juntamente com as demais. Apenas dormem em quartos separados para se evitar o contato sexual. Infelizmente, os meios de comunicação não têm destacado a atitude da Febem com o mesmo empenho que dedicaram a Masters e Johnson.

Mães-bomba

Na guerra travada entre palestinos e israelenses, os primeiros estão vencendo disparado no que se refere aos índices demográficos. Entre os judeus, a taxa de natalidade é de 21 para cada mil habitantes. Entre os árabes israelenses, a média é de 33 por mil, chegando a 40 na Cisjordânia e 47 na Faixa de Gaza. Se for levada em conta a população de toda a Grande Israel — o que inclui os territórios ocupados — os judeus representam 62% dos habitantes do país.

Cientes desses dados, a primeira Convenção de Mães por Israel, organizada por grupos direitistas judeus, exortou as mulheres a gerarem mais uma criança para fortalecer a segurança do país. Os líderes palestinos também conclamam as mulheres a terem mais filhos numa tentativa de sobrepujar numericamente aos judeus. Como se vê, a maternidade continua sendo uma grande arma em tempos de guerra. E na Palestina, os corpos das mulheres são um instrumento potencialmente mais eficaz do que bombas ou metralhadoras.

Confusão na Farra do Boi

"Espancar a própria mulher é rotina nos cantões da ilha e, sintomaticamente, ocorre que depois da Farra do Boi as rendeiras passam boas semanas sem receber pauladas. Isto eu vi, juro que vi!"

(Trecho da carta enviada por um cidadão catarinense ao Jornal O Estado de São Paulo)

Praticada há duzentos anos, no Brasil em municípios catarinenses que foram colonizados por açorianos, a Farra do Boi nunca foi tão criticada pela opinião pública e os meios de comunicação como este ano. Tanto que o governador de Santa Catarina, Pedro Ivo, acabou por proibi-la, determinando às Polícias Militar e Civil enérgica repressão à sua prática. Mas a excessiva violência empregada pelos policiais - que chegaram a se utilizar de bombas de gás lacrimogênio - conseguiu unir farristas e ecologistas em um mesmo protesto contra a ação repressora.

Excessos ocorreram em todas as partes. Os protestos de populares revoltados contra os maus tratos aos animais acabou levando a uma atitude tão desprezível quanto a própria farras: a agressividade contra a população de Santa Catarina. No final de março, durante a Semana Santa, dezenas de pessoas realizaram uma manifestação no Teatro Municipal do Rio de Janeiro portando faixas em que se lia: "Ódio a Santa Catarina", "Farra do Boi: Subdesenvolvimento e covardia de um povo". Alguns manifestantes chegaram a incitar os brasileiros de outras regiões a não fazer amizades com catarinenses.

Segundo Cristalma Papa, vice-presidente da Associação Catarinense de Proteção aos Animais, a Farra do Boi é uma tradição em Santa Catarina e, por isso, o trabalho para a sua eliminação é muito lento e deve ser voltado principalmente para as crianças, lutando há oito anos contra essa prática na região, a Associação vem desenvolvendo uma campanha de esclarecimento junto às escolas e comunidades locais na tentativa de desestimular a violência contra os animais. "Muitas crianças praticam suas 'farrinhas' com cães e gatos porque são incentivadas pelos pais", - diz Cristalma Papa. "Nós estamos propondo uma série de atividades que possam substituir a Farra do Boi, canalizando a agressividade desses catarinenses para coisas mais saudáveis, como esportes, shows etc."

Presente à manifestação em frente ao Municipal do Rio, o escritor e jornalista Fernando Gabeira, representante do Partido Verde, não concordou com o teor dos protestos. Na opinião de Gabeira, a má repercussão da Farra tem gerado uma antipatia infundada contra os catarinenses, já que "nem todo o povo de Santa Catarina aceita esse tipo de violência contra os animais".

Mais uma ameaça à fauna do Pantanal



Foto Agência JB

quadrados do Pantanal já estão alagados, o que agrava a situação.

A enorme mortandade de peixes deve-se à falta de oxigênio nas águas do Pantanal, ocasionada pela rápida decomposição dos detritos colhidos pela enchente. Na leito do Rio Paraguay, um dos pontos mais críticos, toneladas de peixe em decomposição descem com a correnteza colocando a população ribeirinha em contato com as águas contaminadas. Crianças brincam nas águas podres, que são utilizadas para tomar banho, lavar panelas e outros utensílios domésticos.

Na opinião da integrante do grupo ecológico Seiva, Cacilda Lanuza, a principal causa da contaminação das águas do Pantanal está na presença de inúmeros garimpeiros, que utilizam mercúrio para a coleta do ouro. O uso de agrotóxico pelos agricultores da região também agrava a situação: "O papel destruidor do excesso de plantas aquáticas em decomposição é mínima diante dos poluentes que são despejados pelo Homem nas águas do Pantanal. O fato é que não só os peixes estão morrendo, mas toda a fauna e flora da região está sendo destruída. A presença de plantas aquáticas como o Aguapé, por exemplo, é um indicio de que a região está muito contaminada. Esta planta só se mantém em águas com poluentes", explica.

O despejo de poluentes está matando milhares de peixes

O Pantanal de Mato Grosso do Sul, a principal reserva ecológica natural do mundo, vive momentos de agonia. Toneladas de peixes entre pintados, jaús, pacus, dourados, corimbatós estão morrendo asfixiados nas águas contamina-

das pelos detritos e plantas aquáticas em decomposição trazidas pela maior enchente já registrado na região. Segundo estimativas da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), cerca de 90% dos 140 mil quilômetros

Apoio internacional na mira dos ecologistas

Surge uma nova forma de pressão por parte dos movimentos ecológicos nacionais contra os projetos de urbanização em áreas consideradas como reservas florestais: o apoio de entidades estrangeiras. Pelo menos foi a alternativa mais eficaz que a União dos Defensores da Terra (OIKOS), em São Paulo, encontrou para manter as áreas próximas ao córrego do Tremembé intocáveis. Cortando a Reserva Estadual da Cantareira e o Horto Florestal (situados a quinze quilômetros em linha reta do centro da cidade de São Paulo), o córrego do Tremembé é alvo de um projeto de canalização proposto pelo prefeito de São Paulo, Jânio Quadros a ser realizado este ano, com objetivo de se eliminar as enchentes no local.

Este projeto, financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em quase US\$ 50 milhões, inclui não apenas a canalização do córrego, mas a abertura de uma avenida com quase cinco quilômetros de extensão ligando a Marginal do Rio Tietê à rodovia Fernão Dias. A preocupação da OIKOS, no entanto, tem se voltado para a conservação do Horto Florestal e da Serra da Cantareira, pois acreditam que com a implantação da obra a possibilidade de se descaracterizar a região e

expô-la à especulação imobiliária estaria presente.

Na verdade, a polêmica em torno deste projeto teve início no ano passado, quando alguns moradores mais antigos da região do Tremembé receberam avisos de desapropriação por parte da prefeitura. Vera Lúcia Braga, membro da OIKOS e pertencente a uma família rica e tradicional da região, resolveu encampar a denúncia contra a realização do projeto: "Fizemos uma análise de impacto ambiental na região e vimos que esta obra é inviável em termos de preservação do meio ambiente. No entanto, o apoio que conseguimos das autoridades locais, a exemplo de alguns órgãos vinculados à prefeitura e mesmo do BID, foi nulo. Decidimos, então, buscar a adesão do Environmental Defense Fund, uma entidade norte-americana voltada especificamente para a fiscalização de recursos financeiros dirigidos à proteção ambiental", afirma.

Segundo Vera, somente a partir do encaminhamento da denúncia ao exterior foi possível impedir a liberação da verba cedida pelo BID para a realização do projeto. O deputado federal Fábio Feldman, coordenador da Frente Nacional Ecológica na Constituinte e

presidente da OIKOS acredita que a mobilização desses grupos ecológicos foi um sucesso, já que outras quinze entidades internacionais (americanas, canadenses, inglesas, belgas, suecas, alemãs e holandesas) já endossaram o pedido de embargo do projeto de canalização do córrego encampado pelo OIKOS: "Estou certo de que, diante das pressões dessas entidades estrangeiras sobre o BID, a obra não será realizada. Este caso abriu uma instância internacional, na medida em que não apenas este projeto, mas outros a serem realizados pela prefeitura, terão que passar pelo apoio da comunidade", afirma o deputado.

A Reserva Estadual da Cantareira foi durante muito tempo a principal área de captação de água para abastecimento da população, e hoje abriga reservatórios com capacidade para fornecer 33 mil litros por segundo, suficientes para 10 milhões de habitantes. É a recomposição florestal de antigas fazendas de café e cana de açúcar. A área tem enorme potencial para a recreação e o lazer do paulistano e seu plano de manejo prevê zonas de uso intensivo, extensivo, zonas primitivas e de serviço. É uma das maiores reservas florestais do Estado. (LC).

Os negros e o catolicismo: a Igreja pede perdão

"O catolicismo romano jamais se opôs à escravidão. Na Colônia e no Império, a Igreja confundiu-se com o aparato estatal. Entre os líderes abolicionistas brasileiros não encontramos um só clérigo."

Joaquim Nabuco, 1883
(O Abolicionismo)

Rita Moreira

Oh, mundo de contradições. Quem diria que uma das vozes mais empenhadas a abordar o tema do Centenário da Abolição da Escravatura no Brasil havia de ser, justamente, a da Igreja Católica? Contraditório. Bizarro, mesmo, se nos lembrarmos do papel que vem sendo desempenhado por essa organização multinacional, durante tantos séculos aliada dos poderosos.

A disposição da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil para escolher **A Fraternidade e o Negro** como tema de sua campanha este ano, sem dúvida se deve, em grande parte, ao esforço dos grupos negros católicos que atuam no seio da própria igreja. Mas não podemos desprezar, por outro lado, a visão mercadológica dos bispos: sem dúvida o Centenário constituía uma oportunidade imperdível, no sentido de lavrarem alguns tentos, principalmente quanto ao polimento da própria imagem diante da sociedade. Afinal, os negros são quase maioria, no Brasil, e profundamente religiosos. Seduzidos por uma infinidade de outras religiões, provavelmente mais atraentes, os católicos brasileiros estão se tornando, cada vez mais, católicos "de praxe". Quantas vezes você não escutou alguém dizer: "sim, sou católico, mas só porque fui batizado, não vou à missa, não". Sim, valia a pena investir no Centenário. Mas a Igreja tinha um problema: como resolver o próprio passado? (Que inclui desde as torturas, durante a Inquisição, com mulheres sábias sendo queimadas na fogueira, até a omissão durante o nazismo, passando pela participação na escravidão dos próprios negros).

Eles então lembraram de um recurso muito prático de sua própria doutrina, o famoso **mea culpa**: confesso, sou perdoado e está resolvido! E foram em frente. Na segunda página da cartilha **Ouvi e Clamor Deste Povo**, que contém o texto-base da Campanha da Fraternidade de 1988, se lê: "A Igreja reconhece, hoje, que nem sempre tratou a situação vivida pelos negros com a devida atenção evangelizadora e libertadora. E um pouco mais adiante: "Não se trata de julgar o passado escravista com os critérios do presente" (o que nos faz lembrar um pouquinho aquela frase em que os militares diziam "revanchismo não!" — não faz?). Mas em seguida o texto redime a Igreja: "mas trata-se, isso sim, de reconhecer, à luz da fé, que os traços desse passado permanecem ainda hoje e são contrários à dignidade do homem, à fraternidade e à justiça.

Se é que a Igreja Católica está se aproveitando do negro, a verdade é que desta vez o negro, também, parece sair ganhando alguma coisa. Embora forçando bastante a barra no sentido de fazer a Igreja parecer menos terrível do que foi, esse texto-base traz, acima de tudo, uma grande quantidade de informações sobre a situação do negro no Brasil de hoje, constituindo, mesmo, uma ferramenta para a conscientização geral, de negros e brancos. (Muito bem impresso e fartamente distribuído pelas igrejas católicas no País todo, a cartilha da CNBB divulga a realidade do racismo de uma maneira tal como o Movimento Negro jamais poderia, economicamente. Essa, certamente, é a razão de mais esse estapafúrdio "sincretismo".) A seguir, uma amostra dessa contradição através da juxtaposição de extratos retirados, de um lado, do trabalho **A Cruz e a Senzala, a Igreja no Brasil Escravista**, de Mário Maestri, brasileiro, professor de História da África em Milão, parcialmente publicada no jornal D.O. Leitura. (**A Cruz e a Senzala, a Igreja no Brasil Escravista**, Mário Maestri, Editora Mercado Aberto, Porto Alegre). De outro, trechos da cartilha **Ouvi e Clamor deste Povo**, publicada pela CNBB:

